REVI, uma experiência de webjornalismo que dura dez anos[1]

Izani Mustafá[2]

Associação Educacional Luterana Bom Jesus / Ielusc

RESUMO

A Revista Eletrônica do Bom Jesus / Ielusc é uma experiência de webjornalismo que está completando dez anos de existência. Atualmente, sob a coordenação de três professores, o portal é alimentado com matérias – produzidas em textos, com fotografias e/ou imagens, vídeos, áudios – por seis bolsistas. O espaço experimental, além de valorizar a produção multimídia, possibilita à equipe fazer reportagens que vão além do campus e tenham uma abordagem diferente da mídia diária.

PALAVRAS-CHAVE: site; webjornalismo; internet; jornalismo; comunicação.

A Revista Eletrônica do Bom Jesus/ Ielusc, que faz parte da Agência Experimental de Jornalismo, existe desde 1998. Está completando dez anos de vida, assim como o curso de comunicação social (jornalismo e publicidade e propaganda). Trata-se de um projeto de extensão pedagógico que abriu portas para dezenas de estudantes e diversos professores, com a função de coordenar a equipe e representá-los junto à instituição. Enquanto as novas tecnologias ficavam cada vez mais acessíveis, a revista foi se aperfeiçoando e se adaptando da melhor maneira às ferramentas disponíveis na instituição. A logo mais antiga foi produzida em 12 de agosto de 1998, por Borges de Garuva. Foi apresentada aos internautas quando a era digital estava dando os primeiros passos e introduzindo novas ferramentas, desconhecidas para a grande maioria das pessoas que já trabalhavam na área da comunicação. Borges relembra que "os primeiros tempos foram precários porque os bolsistas não davam conta de produzir matérias de qualidade na velocidade que o modelo escolhido pedia[3]". Entre 1998 e 1999, o portal era uma revista de variedades, com espaço aberto à cobertura da programação de bares, cinemas, festas, casas de diversão. Acontecimentos centrados principalmente em Joinville. "Era disso que os bolsistas mais gostavam[4]", completa.

---

[1] Trabalho apresentado no GT Cibercutlura e tecnologias da comunicação, do Inovcom, do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Coordenadora da Revi e mestranda em História pela Udesc. E-mail: izani.mustafa@gmail.com
[3] Em entrevista à Revi, Borges de Garuva explicou como funcionava a agência experimental de jornalismo. Em março de 2007.
[4] Idem. Ibidem.

A REVI foi implementada na década de 90, quando a palavra convergência surgiu como uma "palavra útil, embora excessiva, empregada livremente por Ithiel de Sola Pool antes de se tornar moda[5]". O termo era bastante utilizado quando se fazia referência ao "desenvolvimento tecnológico digital, à integração de texto, números, imagens, sons e a diversos elementos na mídia[6]". A revista nasceu em pleno período onde surgiam diferentes tecnologias e ferramentas para dar a cara à nova mídia à disposição dos profissionais que trabalhavam com comunicação. Começava a era da valorização do profissional versátil. A partir da década de 90, o bom repórter é aquele que sabe escrever, fotografar, filmar, gravar áudios, editar imagens e sons e, finalmente, publicar todo material produzido no site. O velho ditado "um bom repórter é bom em qualquer lugar" não é mais convincente, afirma o pesquisador e professor Phil Meyer.

> Precisamos de bons repórteres que possam utilizar ferramentas apropriadas para lidar com situações em permanente processo de mudança. Neste ambiente, os jornalistas que souberam fazer mais de uma coisa vão ser mais requisitados[7].

Na opinião dele, a "...demanda será alta por jornalistas polivalentes, que podem fazer bem mais de uma coisa...[8]". Ou seja, o jornalista terá que, além de escrever – bem e rápido – deverá saber fotografar, editar, falar e usar adequadamente uma câmera. Phil Meyer parece prever um futuro incerto e completa:

> Você pode estar certo de que a versatilidade será recompensada. E porque a tecnologia continua mudando, as escolas de jornalismo deveriam focalizar menos a atividade jornalística e se concentrar mais na teoria básica da comunicação de massa e seus efeitos[9].

O profissional do século XXI precisa ser versátil para trabalhar em qualquer mídia. E é essa experiência que a REVI tem possibilitado aos seus seis bolsistas neste momento e certamente foi assim ao longo dos últimos dez anos. De 1998 a 2008 vivemos na era da plataforma convergente, temos um portal que precisa ser alimentado com boas notícias, fotos, áudios e vídeos. O projeto de extensão visa ao aprimoramento da formação acadêmica com viés em linhas de pesquisa centradas no experimentalismo

[5] BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma História social da Mídia: de Gutenberg à Internet.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004. p. 270.
[6] Idem.Ibidem. p.270.
[7] BRIGGS, Mark. *Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar.* pp. 4-5
[8] Idem. Ibidem. p. 5
[9] Idem. Ibidem. p. 5

multimídia, tendo por base duas premissas: primeiro, o caráter incipiente do jornalismo na web; segundo, a ênfase dada à "aventura" no projeto político-pedagógico do curso de comunicação.

A REVI é um sistema de comunicação (*mass media*) responsável pela recepção, produção e difusão da informação por meio da imprensa escrita, áudio e audiovisual (vídeo). As notícias veiculadas no portal não estão condicionadas apenas aos interesses e ideologias da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc. A proposta dos coordenadores, em conjunto com os bolsistas, é que além de divulgar informações do campus, envolvendo os demais cursos – Enfermagem, Educação Física, Turismo e Nutrição – a agência produza matérias curiosas, polêmicas sobre tudo. Não há restrições ao espaço demográfico e temporal. As pautas que levam à produção das reportagens – texto, vídeo ou áudio – podem ser do cotidiano da faculdade, da cidade, do estado, do país ou do mundo. Graças à internet e aos diversos instrumentos de comunicação como telefone, celular, e-mails, MSN, Gmail e páginas de relacionamento como o Orkut, é possível conversar e entrevistar pessoas que estejam do outro lado do mundo, literalmente. Basta querer, ter tempo, disposição. Como diz o jornalista e mestre em Mídia e Conhecimento Carlos Castilho, "a digitalização do jornalismo já é uma realidade, embora o novo perfil da profissão ainda esteja em construção[10]". Enquanto isso, vale repetir o velho ditado, citado anteriormente, "um bom repórter é bom em qualquer lugar". Não há dúvidas de que será melhor ainda quando ele reconhecer a importância das diversas ferramentas que dispõe à seu favor para trabalhar. Mas, é claro, o resultado vai depender de cada profissional querer desenvolver suas habilidades para usar as ditas ferramentas.

Na REVI, algumas experiências sobre essa vivência, no início do projeto, já foram relatadas e estão registradas em nosso acervo. Emanuelle Torres foi uma das primeiras bolsistas e recorda que "tínhamos um computador e podíamos solicitar a máquina Mavica para fazer o registro fotográfico[11]." Segundo ela, a turma de bolsistas é que se pautava e fazia as coisas acontecerem. "Tínhamos que levar em conta que estávamos implantando e tudo era novo. Utilizar a máquina digital, nunca tinha visto uma; alimentar o site – novidade – e tinha que entender do programa, com isso, às vezes, tinha que esperar o colega que dominava[12]". Luciano Zinelli da Rosa, que trabalhou na revista entre 2000 e 2001, sob a coordenação dos professores Jacques Mick

[10] Op. Cit. BRIGGS, Mark. p. 6
[11] Emanuelle Torres em depoimento à Revi, em março de 2007.
[12] Idem. Ibidem.

e Gastão Cassel, relembra que tudo aconteceu numa "época da inovação, quando publicamos alguns programas de rádio para download. Acrescentamos as fotos dos laboratórios, entrevistas com professores e outros profissionais de comunicação, fotografias, trabalhos em geral[13]". Luciano reconhece que a REVI lhe deu experiência. Tanto que, atualmente, trabalha com assessoria de imprensa e é responsável pela atualização das matérias e do visual da página do Corpo de Bombeiros Voluntários de Joinville.

Gastão, que era coordenador na época, salienta que tudo era muito insipiente e a equipe não tinha uma sala e nem computador. "Fazíamos uma reunião de pauta semanal e a atualização ia ocorrendo como dava... e quando dava. (...) Fotografia a gente fazia com uma Mavica, disputada a tapas com o Secord[14]". Há seis anos, a preocupação de Gastão era definir a identidade da Revista Eletrônica. Outros dois professores que coordenavam o projeto, lembra ele, "tinham a proposta de uma revista cultural, que tivesse todos os roteiros de Joinville, e mais algumas maravilhas. Claro que nunca deu certo[15]". Em 2002 foi feita a tentativa de desenhar a REVI, mas sem um consenso para definir a sua identidade. As discussões ficavam entre assessoria do Ielusc e produtora de informação para o público interno. Foi depois de muitas conversas entre os coordenadores e a instituição que o projeto ganhou um rumo e nasceu a idéia de "multimídia apontado para o modelo de hoje[16]".

Um exemplo de bom uso das ferramentas disponíveis é relatada pelo bolsista Cláudio Lúcio Augusto. Em setembro de 2001, quando ocorreram os atentados aos Estados Unidos[17], ele ouviu uma conversa entre estudantes do curso de Educação Física e, soube que um deles tinha um amigo em Nova Iorque e, como um bom repórter, se intrometeu na conversa e conseguiu o e-mail do brasileiro, com quem manteve contato. Com as informações recebidas, Cláudio conseguiu "elaborar um pequeno texto o texto e uma entrevista pingue-pongue, com a intenção de demonstrar um pouco o sentimento das pessoas após os atentados[18]". Ao contrário de uma constatação apresentada por Mark Briggs de que "nos anos 90, os repórteres sentiam a mesma desconfiança em

[13] Luciano Zinelli da Rosa em depoimento à Revi, em março de 2007.
[14] Gastão Cassel em depoimento à Revi, em março de 2007.
[15] Idem. Ibidem.
[16] Idem. Ibidem.
[17] Ataques suicidas organizados pela Al-Qaeda contra o World Trade Center em Nova Iorque e Pentágono, situado no Estado da Virgínia, nos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001.
[18] Cláudio Lúcio Augusto em depoimento à Revi, em março de 2007.

relação ao uso do e-mail[19]", Cláudio foi confiante, escreveu um e-mail para o brasileiro e obteve resposta praticamente imediata:

> Apesar dos jornais estarem todos os dias abarrotados de informações sobre o trágico episódio, a oportunidade de entrar em contato com alguém que estava no local onde as coisas estavam acontecendo foi muito empolgante e motivou o meu esforço de reportagem[20].

Cláudio, já em 2001, pôs em prática a dica de Mark Briggs de que "de todas as habilidades que um jornalista precisa ter na era digital, fazer reportagem para a Web deveria ser a mais fácil de aprender[21]" porque o mais importante nesta era é adotar uma "nova maneira de pensar e trabalhar[22]". E, conforme os anos foram avançando, bolsistas e coordenadores foram valorizando e utilizando cada vez mais e melhor as ferramentas e equipamentos disponíveis. Afinal, a era digital é um importante aliado para aquele que se assume como um bom repórter, independente da mídia em que está trabalhando.

Dois anos depois, o coordenador Jacques Mick planeja mudanças que envolvem a REVI. Com a expansão do ensino superior no Bom Jesus/Ielusc, salienta ele, surgiram "novas necessidades de comunicação à instituição, tanto internamente quanto em sua relação com a sociedade[23]". Entre os elementos imprescindíveis para uma política de comunicação duradoura estão a necessidade de criar a Agência Experimental de Jornalismo, expandir a atuação das outras unidades e implementar um bureau de comercialização. O documento foi dividido em três partes. Na primeira denominada de comunicação com o público interno, Jacques sugeriu o desenvolvimento de um sistema integrado de informação para a comunidade do ensino superior e, consequentemente, "a otimização do uso da internet como fonte de informação[24]". Para ele, a REVI deveria ser o canal de notícias para professores, servidores e alunos e o site da assessoria de imprensa, então já reformulado, deveria atender com prioridade, os jornalistas e profissionais de comunicação que buscam fontes para as suas reportagens. E, sem problemas nenhum, alguns conteúdos poderiam ser compartilhados entre as duas páginas. Jacques também propôs que cada página deveria ter a sua própria identidade gráfica e, cada um, ficaria sob responsabilidade das respectivas coordenações.

[19] Op. Cit. BRIGGS, Mark. p. 44.
[20] Cláudio Lúcio Augusto em depoimento à Revi, em março de 2007.
[21] Op. Cit. Mark Briggs. p. 64
[22] Idem. Ibidem. p. 64
[23] Jacques Mick, autor do Plano preliminar de comunicação para o Bom Jesus/Ielusc – elementos para consolidar a Agência Experimental de Jornalismo, elaborado em 2003.
[24] Idem. Ibidem.

Na segunda parte, Jacques reflete sobre a comunicação com a sociedade e conclui que as mudanças na comunicação interna irão provocar melhorias no trabalho de assessoria de imprensa, já que os bolsistas trabalhariam em separado em cada unidade: REVI e assessoria de imprensa. Por último, ele chama atenção para as demandas para a aplicação das propostas como adaptação de parte do laboratório multimeios (estúdio de rádio e ilha de edição de TV) com a agência; duas linhas telefônicas, softwares específicos nos computadores; um scanner de alta resolução e uma máquina digital. Hoje, 2008, a REVI ainda não possui o scanner e uma ilha de edição de vídeo própria. No entanto, boa parte dos planos de Jacques Mick saiu do papel e se transformou em realidade.

No ano seguinte a esses encaminhamentos, uma matéria publicada em 22 de outubro de 2004, no site com o título "Revi completa seis anos e ruma para a convergência digital", elaborada pelos bolsistas Fabrício Porto e Karine Kavilhuka, diz:

> Mesmo com apenas seis anos de caminhada, a Revi já coleciona velhas e novas experiências. Estagiários que passaram pelo projeto e outros que ainda fazem parte da Revi contam suas dificuldades e seus aprendizados. Hoje, a Revi está ligada à Agência Experimental de Jornalismo (AEJ), tornando-se um veículo de convergência digital, ampliando horizontes, com a inclusão de reportagens em rádio e vídeo[25].

Naquele ano, os coordenadores Silvio Melatti, Imara Stallbaum, Luciano Bitencourt e Rosane Porto estavam dispostos a desenvolver mais experiências em texto, áudio e imagens para transformá-la em convergência digital da Agência Experimental de Jornalismo (AEJ) e possibilitar aos acadêmicos-bolsistas o trabalho com noticiário de rádio, TV e web. Sem deixar de lado, é claro, a preocupação com o conteúdo. A equipe estava atenta à globalização da comunicação, incentivando "a digitalização da informação, combinada com o desenvolvimento de tecnologias eletrônicas de informação e comunicação, permitindo que a informação seja convertida facilmente para diferentes meios de comunicação[26]". Contribuindo, naturalmente, para que os internautas da REVI tivessem acesso às notícias por meio de diferentes mídias. Ao colocar novos produtos na rede, a equipe seguia a tendência natural da globalização da comunicação: aumentaram a circulação de informações numa área cada vez mais

[25] Matéria publicada na REVI, no dia 22 de outubro de 2004. Disponível no site: www.ielusc.br/revi.
[26] Thompson, John B. *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.* p. 145

internacional. Ou seja, que pode ser acessada de qualquer lugar da terra, desde que se possua um computador conectado à banda larga para visitar diferentes portais.

2005, REVI ganha novo projeto gráfico e nova linha editorial

Neste ano, a REVI já contava com seis bolsistas e coordenadores dispostos a pôr em prática um novo projeto gráfico e, principalmente, uma nova linha editorial. Além de se aprofundar no caráter experimental, a revista adotou um sistema mais dinâmico a fim de dar espaço às noticias factuais e incorporar recursos multimídia. O novo projeto gráfico foi lançado oficialmente na noite de 13 de abril.

> O projeto gráfico é resultado de dois semestres de pesquisas, debates e testes de operação. A idéia foi tornar a REVI um veículo de convergência digital, com recursos multimídia, exibindo textos, fotos, áudios e vídeos produzidos pela equipe formada por sete estagiários[27].

O coordenador Silvio Melatti afirmou na época que o projeto gráfico era um sonho antigo e o objetivo era "tornar o site mais dinâmico, experimentando linguagens para além do convencional[28]". A mudança exigiu ainda uma reestruturação operacional, adequando o site à nova realidade do webjornalismo, realizada pelo programador Borges de Garuva.

A Agência Experimental de Jornalismo, consubstanciada na REVI, estava consolidando o plano de ação traçado para 2005. Ou seja, o projeto de extensão que visa ao aprimoramento da formação acadêmica com viés em linhas de pesquisa, centradas no experimentalismo, com base em duas premissas: primeiro, o caráter incipiente do jornalismo na web; segundo, ênfase dada à "aventura" no projeto político pedagógico do curso de comunicação do Bom Jesus/Ielusc. Ao contrário do que afirmou Carlos Castilho, professor universitário de jornalismo multimídia na internet e autor do blog Código Aberto – do site Observatório de Imprensa – o curso de jornalismo do Bom Jesus/Ielusc não "trata a internet e a Web como se ambas fosse um fenômeno passageiro[29]" ou vê o "jornalismo online como um modismo[30]".

[27] Trecho de matéria publicada na REVI, dia 15 de abril de 2005. Disponível no site: www.ielusc.br/revi
[28] Idem. Ibidem.
[29] CASTILHO, Carlos. *O que fazer com as escolas de jornalismo?* Artigo publicado no blog Código Aberto, do site Observatório de Imprensa. Disponível no site: http://www.observatoriodaimprensa.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id={170160FC-D0EA-49D0-A227-9667C4DF0B7F}&data=200801
[30] Idem. Ibidem.

Seguindo os passos da instituição, a REVI também precisava se adequar o mais rápido possível às novas tecnologias e processos. Para os docentes do curso de comunicação social estava claro que, como escreveu Carlos Castilho, as escolas de jornalismo não precisam atender apenas às demandas do mercado porque "há escolas demais, formando jornalistas demais para jornais de menos[31]". O momento, acrescentou ele, "é necessário perceber que o jornalismo começa a ganhar novas funções num ambiente informativo onde as pessoas comuns, cidadãos estão ocupando espaços cada vez maiores na produção e publicação de notícias[32]". A revista eletrônica, com a sua nova proposta, estava dando um passo importante para este novo momento da história da comunicação, onde a internet é mais uma mídia de divulgação de notícias, mais rápida que os jornais, revistas, televisão, ainda perdendo para o rádio, já que um repórter com um celular pode falar ao vivo para os seus ouvintes, diretamente do local onde está ocorrendo a notícia. Todas as mídias existentes já se utilizam da internet: rádios e televisões são ouvidas pela internet, dispõem de áudios e vídeos. O mundo da comunicação ainda está em plena revolução e se adaptado a todas as diferentes possibilidades proporcionadas pela internet. Como afirma o historiador e jornalista Heródoto Barbeiro:

> A nova comunicação da web é um amálgama entre mensagem, emissor, meio e receptor – um interagindo nos demais e todos interagindo em um. Cai o conceito estanque de emissor-mensagem-meio-receptor. Isso vale para todos que trabalham para essa nova mídia – jornalistas, publicitários, apresentadores ou administradores de empresas[33].

Essa mistura entre mensagem, emissor, meio e receptor está acontecendo em todos os portais. O que o jornalista escreve pode ser logo contestado, comentado, criticado pelo leitor atento. O canal está aberto na REVI e na grande maioria dos sites existe um espaço para comentários. A rede é democrática, o que faz com que o leitor não seja apenas um receptor passivo de mensagens, mas protagonistas ativos porque podem dar a sua opinião. E Mark Briggs faz uma recomendação "...leia os comentários sobre suas matérias e escreva para aqueles que merecem uma resposta. Seja pró-ativo buscando feedback das matérias antes que elas sejam publicadas[34]". Segundo ele, essa é

[31] Op. Cit. CASTILHO, Carlos.
[32] Idem. Ibidem.
[33] BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. *Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet*. Rio de Janeiro: Campus, 2001. p. 39
[34] Op. Cit. BRIGGS, Mark. p. 34.

uma das oportunidades da comunicação online que está sendo ofertada aos jornalistas e profissionais da comunicação.

Com um novo layout e uma proposta aliada com a as diversas possibilidades da internet, em 2006 o plano de ação da REVI incentivou os bolsistas a trabalhar em cobertura de eventos, a exemplo da boa experiência obtida na cobertura do Seminário Nacional Ética no Jornalismo, realizado no final de março e início de abril de 2006, em Londrina (PR). Uma iniciativa que se tornou viável por causa da compra de equipamentos exclusivos para os trabalhos da revista como câmera fotográfica e gravador digitais.

Nesse ano também a REVI torna-se mais interativa, uma forma de dar retorno ao grande número de acessos ao sítio que aumentou desde novembro de 2005. O trabalho, resultado de um projeto educacional, ganhou visibilidade para além das fronteiras do campus, da cidade e do estado, abrindo caminho para um debate mais próximo com o internauta a partir de matérias publicadas. Essa comunicação foi ampliada com inserção direta de comentários nas páginas da revista, uma ferramenta que pode ser acessada clicando no botão disponível ao final de cada matéria. Ao clicar no botão abre-se uma janela para o leitor postar o seu texto diretamente na página. Outras ferramentas foram colocadas à disposição: o correio eletrônico, o telefone e o correio. Além disso, a REVI criou uma estrutura editorial para os colaboradores – professores e estudantes – publicar artigos, trabalhos acadêmicos produzidos em aula e de cartas dos leitores. Uma das metas da revista é aprimorar os recursos de interatividade com a introdução, por exemplo, de um programa de bate-papo online (chat).

Quase dois anos depois da reformulação do sítio virtual, o programa e a rede do Bom Jesus / Ielusc alcançou certa estabilidade, embora, para os coordenadores, ainda longe do ideal. Um dos aspectos mais positivos é que a equipe passou a dominar melhor as ferramentas de edição e pode explorar melhor os recursos do sistema atual de publicação. E com os equipamentos básicos adquiridos (gravador e máquina fotográfica digitais), a REVI também ganhou agilidade e autonomia para investir na experimentação multimídia, sem depender da disponibilidade de agenda de outros setores.

Preocupação com a experimentação da linguagem começou em 2006

A velocidade das mudanças tecnológicas, com a incorporação de novas ferramentas, provocou uma outra necessidade, tão ou mais imprescindível: investir na produção jornalística leva a refletir sobre o tipo de linguagem que a REVI deverá implementar, a fim de produzir as matérias identificadas como porta-voz da instituição como aquelas iniciativas mais ousadas. E a favor do experimentalismo pesa o fato de estar previsto tanto no projeto político pedagógico do curso de comunicação social como no documento-base da Agência Experimental de Jornalismo. Além disso, é preciso lembrar que a academia é o espaço por excelência da experimentação (quando não o único), e que a maioria dos estudantes não terá essa oportunidade no mercado de trabalho. Neste momento a revista põe como objetivo ampliar o espaço dos trabalhos que adotem linguagens experimentais.

Muitos projetos saíram do papel e ganharam vida nas mãos de alguns bolsistas. Na série "Olhares sobre o campus", que propôs pôr em prática os fundamentos do jornalismo literário. Entre elas destacam-se "Acadêmicos dançam para se esquivar dos jambolões" e "Furto de datashow surpreende comunidade acadêmica, publicadas respectivamente em 8 e 24 de março de 2006) e escritas por Lucas Balduíno. Outras duas matérias que enveredaram para o mesmo caminho são de autoria de Letícia Carolina: "Denise encantou a todos com simpatia e espontaneidade" e "Dicionário levou 15 anos para ser concluído", publicadas em 28 de março e 20 de novembro de 2006, respectivamente. A primeira relata sobre o encontro da atriz Denise Fraga com fãs e curiosos, quando esteve em Joinville para lançar o livro, a segunda dá detalhes sobre o tradicional dicionário Houaiss. Ainda em junho de 2006, os bolsistas Erivellto Amaranth e e Leonel Camasão de dedicaram semanas para dar forma a uma reportagem investigativa sobre os vereadores da maior cidade de Santa Catarina. Todas entrevistas foram gravadas e todos os legisladores foram fotografados. "Uma radiografia da Câmara de Vereadores de Joinville" apresentou o perfil de cada legislador, como é o serviço de assessoria de imprensa, descreveu os investimentos que eles fizeram na campanha política e abordou o tema nepotismo.

A era digital, com suas poderosas tecnologias comunicacionais, foi incorporada pela REVI, sem dúvida. E temos que concordar com Lúcia Santaella quando diz que "o aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma

linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas[35]". A união da informática com a telecomunicação permite que informações de todos os tipos - recebidos ou enviados – "cruzem oceanos, continentes, hemisférios, conectando potencialmente qualquer ser humano no globo numa mesma rede gigantesca de transmissão e acesso que vem sendo chamada de ciberespaço[36]". E se estamos trabalhando na rede mundial das redes interconectadas, precisamos assumir de vez a atividade que tem o nome de webjornalismo.

[35] SANTAELLA, Lúcia. Culturas e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003. pp.70-71
[36] Idem. Ibidem. p. 71

Referências bibliográficas

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Roberto de. **Manual de radiojornalismo: produção, ética e internet.** Rio de Janeiro: Campus, 2001.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História social da Mídia: de Gutenberg à Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BRIGGS, Mark. **Jornalismo 2.0: como sobreviver e prosperar**. Disponível na internet no endereço: http://knightcenter.utexas.edu/Jornalismo_20.pdf.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

FERRARI, Pollyana. **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto, 2003.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e Artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

Blog Código Aberto do jornalista Carlos Castilho

http://www.observatoriodaimprensa.com.br/blogs.asp?id_blog=2&id={170160FC-D0EA-49D0-A227-9667C4DF0B7F}&data=200801. Acesso em 21 de março de 2008, às 19 horas.